

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018



DA GRÉCIA À AMAZÔNIA: AS NARRATIVAS DE ODISSEU E DE KÃWÉRA - SEMELHANÇAS E CONTRASTES

Patricia Christina dos Reis [UEA]

Resumo: *Este artigo propõe uma comparação entre dois personagens mitológicos distintos: Odisseu, na Grécia antiga e Kãwéra, na Amazônia brasileira. Seu objetivo é aproximar dois personagens separados pelo tempo e espaço, comparando elementos das narrativas em que estes personagens se inserem. Os resultados nos levam a uma reflexão final sobre o caráter normativo e pedagógico dos mitos que, embora criados em dois contextos diferentes, revelam semelhanças nas mensagens que transmitem.*

Palavras-chave: Mitologia. Grécia. Deuses. Literatura. Amazônia.

AS DUAS NARRATIVAS

As narrativas de Odisseu e de Kãwéra retratam dois mundos imensamente diferentes. Uma é o retrato da antiguidade Greco clássica, a outra pertence ao mundo fantástico da mitologia amazonense. Tanto a narrativa grega, quanto a amazonense retratam os modos de vida das respectivas sociedades. Odisseu junto à nobreza aristocrática grega e sua cultura, e Kãwéra junto à comunidade ribeirinha, nos seus costumes e tradições. Ao contrário da vida da nobreza aristocrática grega, que tinha a posse de bens como tradição, os indígenas e os caboclos ribeirinhos fazem parte de um segmento social, em que as maiores riquezas estão na natureza que os cercam.

Antes de contrastarmos as narrativas, é importante apresentarmos um breve enredo da epopeia grega, seguido por um resumo da história de Kãwéra. Em poucas palavras, Aristóteles (2003) resume a história de Odisseu:

De facto, breve é o argumento da Odisséia: um homem vagueou muitos anos por terras estranhas, sempre sob a vigilância [adversa] de Posídon e solitário; entretanto, em casa, os pretendentes de sua mulher lhe consomem

os bens e arma traições ao filho, mas, finalmente, regressa à pátria e, depois de se dar a reconhecer a algumas pessoas, assalta os adversários e enfim se salva, destruindo os inimigos (ARISTÓTELES, 2003, pg. 128).

Esse é o núcleo da história. A ele vão se adicionando episódios que fazem da Odisseia uma longa epopeia. Se por um lado a narrativa grega descreve terras distantes, pelas quais vagueia seu personagem, por outro lado, a narrativa amazonense tem como cenário selvas e rios, em meio à Floresta Amazônica. A história de Kãwéra aparece como parte da tradição oral e representa o insólito na literatura amazonense. O personagem aparece no imaginário coletivo e, como muitas figuras lendárias brasileiras, assustam a população, causam terror e medo. Trata-se de uma figura popularmente conhecida pela população amazonense, tendo até mesmo sido tema de toada no festival folclórico da cidade de Parintins, no interior do estado.

A história começa com um homem que sai para caçar, e que resolve enfrentar um ser desconhecido que lhe aparece. Este ser, que pertencia ao grupo dos Kãwera, ficou furioso com o comportamento do caçador e ameaçou fazer dele um novo membro do grupo. Assim ele é transformado em um Kãwéra, um ser alado, parecido com um grande morcego, e passa a habitar a floresta:

— Não! Você me desafiou, agora não tem perdão. Eu lhe dei uma última chance e você não aceitou. Agente as consequências. Por ter desafiado um Kãwéra, você será castigado.(...)
Muito tempo voaram até que, finalmente, chegaram à casa do Kãwéra. Um lugar escuro e sombrio. Desceram. O bicho jogou o rapaz no chão e falou:
— Olhe ao seu redor e me diga o que está vendo.(...)
— Vejo cadáveres.
— Esse cadáveres são de pessoas teimosas, iguais a você, que me

desafiaram. (YAMÃ, 2012, pg. 16)

Pelo seu ar sombrio, a descrição acima nos remete a ideia de inferno da Grécia antiga, mesmo tratando-se de dois conceitos diferentes. *Na mitologia grega e romana, os infernos são os lugares subterrâneos para onde descem as almas depois da morte a fim de serem julgadas, e receber o castigo dos seus crimes ou a recompensa das boas ações* (COMMELIN, 1997, pg. 157). Na narrativa de Kãwéra, a cena de cadáveres no lugar assustador representa o fim daquelas pessoas que não souberam se comportar, que foram teimosas a ponto de serem castigadas.

O fim da vida como punição é uma crença que domina a sociedade há milhares de anos. Há aqueles que temem a morte acreditando ser ela uma forma de castigo pelos pecados cometidos na vida mundana. A ideia do local para onde os mortos vão varia de acordo com os diferentes imaginários coletivos. É curioso notar como os povos da antiguidade de fato percebiam o inferno como um local real, físico, ligado ao seu território:

Esses lugares subterrâneos, situados a uma profundidade incomensurável em baixo da Grécia e da Itália, estendiam-se até os extremos confins do mundo então conhecido; e assim como a Terra era cercada pelo Rio Oceano, eram eles circunscritos e limitados pelo reino da Noite. Acreditavam os gregos que a sua entrada estava situada nos oantros vizinhos do Cabo Tenaro, ao sul do Peloponeso; os romanos supunham que havia outras entradas mais perto deles, como, por exemplo, os abismos do Lago Averno, as grotas vizinhas de Cumas. (COMMELIN, 1997, pg. 157)

Percebe-se que há controvérsias entre os gregos e romanos em relação às reais entradas para o inferno. Porém a crença na existência de uma entrada física para o reino dos mortos é comum aos dois povos. Na mitologia grega o inferno recebe o nome de Hades e é para lá que vão as almas, boas ou más, governadas pelo deus Hades e guiadas por Hermes.

Ao contrário do que acontece no submundo greco-romano, o local onde Kãwéra reúne os corpos mortos não é habitado por seres superiores. Trata-se de um local onde ficam os corpos físicos, cadáveres, sem nenhuma alusão à travessia entre mundos, à transição entre planos ou à espiritualidade. Esse é um dos contrastes entre as

duas narrativas que, além de terem ambientes diferentes como cenário, se diferem pela forma como os mortos são transportados, destacando dois patamares: o físico e o espiritual. A história amazonense descreve corpos jogados em um lugar escuro e sombrio, enquanto a história grega descreve a transição de almas guiadas por deuses.

O FINAL DA HISTÓRIA

Ao final da narrativa grega, Odisseu tem um final feliz. Kãwéra, ao contrário, nunca mais volta a ter a vida que tinha. Ele é fadado a viver distante de sua família pelo resto de sua vida:

— Agora você é um dos meus. Aproveite a nova vida de Kãwéra! (...)

E o rapaz, que já não era gente, foi voando.

Até hoje, ele guarda o lugar sagrado como se fosse a sua vida. Dizem os caçadores que, de tempos em tempos, podem vê-lo sobrevoando aquele local que daí em diante, passou a ser chamado o lugar do Kãwéra. (YAMÃ, 2012, pg. 17)

O castigo dado a Kãwéra foi mais severo que o castigo dado a Odisseu. Embora Odisseu tenha ficado durante anos distante de sua família e de sua pátria e tenha nesse período perdido sua mãe, no final existe o reencontro e a ordem é reestabelecida. Ao contrário, Kãwéra nunca mais voltou para casa.

Os dois personagens que aqui analisamos tiveram que, em algum momento da história, assumir a responsabilidade pelos seus atos. Odisseu, por sua astúcia, é castigado. Kãwéra, por sua desobediência, também o é. A história de Odisseu nos leva a compreender como os deuses atuam nas obras da antiguidade clássica. No contexto dos personagens mitológicos, toda desobediência deve ser punida, mesmo trazendo benefícios a coletividades (KRUGER, 2011, pg. 37). O mito de Prometeu é um exemplo, no qual Prometeu, por suas astúcias, foi por Zeus castigado. Assim, afirmamos que, no mundo mitológico onde reinam os deuses é recomendável não irritar os seres superiores. Para Kitto (1990) é importante conservar boas relações com eles, ter respeito e oferecer sacrifícios na forma prescrita, pois qualquer irregularidade poderá irritá-los.

Por ter irritado Zeus, Odisseu passou anos sendo, de certa forma, por ele controlado. As formas de controlar o comportamento humano presentes na *Odisseia* nos levam a questionar as intenções de Homero ao apresentar, de certa forma, o mecanismo das hierarquias aos membros da sociedade grega. Teria Homero, como o “Educador da Grécia” que foi, de fato intencionado algo além do literário? Pretendeu ele transmitir uma mensagem de ordem e obediência aos seus compatriotas? Segundo Jaeger, *o mito serve sempre de estância normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal* (JAEGER, 2001, pg. 67). Essa é uma questão como a qual finalizamos este artigo e que fica como reflexão sobre o caráter normativo e pedagógico do mito. Da mesma forma que a narrativa grega estabelece normas de comportamento e conduta, não poderíamos afirmar que há na narrativa amazonense o mesmo tom moralizante?

Se há, certamente não é por acaso. Acreditamos que a literatura amazonense apresenta traços da literatura clássica e as narrativas mitológicas são exemplos dessa influência. Como defende Grizoste (2015) a própria obra *Os Timbiras* de Gonçalves Dias ilustra a influência dos clássicos na literatura brasileira. Em relação aos mitos, estes revelam crenças que foram transportadas para o Novo Mundo e que com o passar dos anos foram recebendo novas versões, foram sendo adaptadas a novas realidades, a novos tempos. Cabe aos pesquisadores interessados em estudos comparados destacar essas relações (ou oposições), seja na literatura, na música, na pintura e outras artes. Este artigo representa uma pequena contribuição para este universo de descobertas que podem ser feitas ao se estudar a literatura amazonense, estabelecendo ligações com obras clássicas. Há algo da *Odisseia* na história de Kãwéra. Outros podem perceber elementos de outras narrativas gregas e romanas no mesmo mito amazônico. Existe uma variedade de possibilidades. O importante é abrir os horizontes para a leitura, deixar que diálogos sejam estabelecidos entre o moderno e o antigo, o nacional e o estrangeiro, o dito e o não dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores Clássicos

E. Sousa (2003) **Aristóteles. Poética**, Lisboa: INCM.

O. Mendes (2002) **Homero. Odisséia**, São Paulo: Martin Claret.

Autores Modernos

J. M. Castro (1990) **Kitto, Os Gregos**, Coimbra: Armênio Amado, pg. 323-338.

W. F. Grizoste (2015). **Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira. Uma Encida Brasileira?** Saarbrucken: Nova Edições Acadêmicas.

M. F. Kruger (2011), **Amazônia: mito e literatura**. 3ª edição. Manaus: Editora Valer.

T. Lopes (1997) **Commelin, Nova mitologia grega e romana**, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

A. M. Parreira (2001) **Jaeger, A formação do homem grego**, São Paulo: Martins Fontes, pg. 21-83.

Y. Yamã (2012) **Contos da Floresta**. São Paulo: Peirópolis.



ICAMIABAS-A PROLE DE PENTESILEIA

Alexandre Lira Sá [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: Neste artigo, de natureza qualitativa, faz-se um estudo referente às relações mitológicas das Icamíabas para com as Amazonas guerreiras da Antiguidade Clássica quando, segundo relatos, formaram um grupo de mulheres arqueiras e independentes longe do domínio patriarcal. No caso das Icamíabas, por volta do século XVI, ouviam-se relatos de destemidas índias guerreiras que habitavam comunidades em regiões de difícil acesso; e que também eram mulheres independentes, bastante parecidas com as Amazonas gregas como bem comparou o explorador espanhol Francisco de Orellana, ao realizar sua expedição pela América do Sul. Tem-se como objetivo ressaltar os legados da cultura greco-romana à cultura brasileira, especialmente os que são manifestados em solo parintinense. Os dados apresentados e discutidos no presente trabalho são resultados de uma pesquisa bibliográfica conforme aponta a trajetória histórica das mulheres guerreiras. Com base nisso, são expostas as análises feitas por Sampaio (1974), Kury (2008), Commelin (2011), entre outros autores que retratam a temática apresentada.

Palavras-chave: Amazonas. Icamíabas. Pentesileia. Camila. Expedicionários.